



ARCEBISPO IOSIF DE BUENOS AIRES E AMÉRICA DO SUL

HOMILIA V DOMINGO DE MATEUS

«Que queres de nós, Filho de Deus?

Vieste aqui para nos atormentar antes do tempo?»

Jesus encontra dois endemoniados na região dos Gadarenos. Assim que veem o Cristo, os demônios reagem naturalmente à sua presença. A reação é negativa, é claro. É de aversão. Eles não podem suportar a *Presença* que os amedronta. A repulsão é inevitavelmente precedida por outra sensação que a produz como extensão. Trata-se do **medo**. Demônios temem o Cristo e, portanto, precisam se afastar dele, não podem suportar estar em contato, é impossível coexistir, mesmo à distância.

É que a «**receptividade**» dos demônios foi para sempre danificada por causa de sua opção pela *não-comunhão* com o Criador. Mas o que é receptividade - δεκτικότητα? *É a capacidade natural dos seres criados lógicos de poder se relacionar e assimilar-se a Deus - e com Ele aos demais homens e a toda criação.* É intrínseca à natureza criada - angélica e humana - em sua mais profunda intimidade. É a potência da autotranscedência que permite que a própria natureza em sua integridade se autoperceba sempre **em relação** à Deidade e *aspire* constantemente a ela.

Esta faculdade dos seres lógicos faz parte de sua estrutura ontológica e sua operação mais íntima que decanta na recepção das operações divinas incriadas. Não é automática nem passiva; pelo contrário, é dinâmica, pois, sendo a **possibilidade última da alma**, ela se relaciona com todos as suas potências, incluindo a volitiva.

Em outras palavras, a receptividade vai se moldando positiva ou negativamente – dilata-se ou se contrai – de acordo com o exercício da-auto soberania do ente criado. Em outras palavras, estamos falando da *divindade em potência* que reside natural e (teo-)geneticamente ao longo de toda a sua existência.

Da mesma forma, a receptividade se resume – ou melhor, se identifica – na única potência natural que esses seres adquirem desde a sua criação e que os impulsiona para a sua auto-superação ou transcendência, que é o **desejo** natural da própria Divindade.

É que anjos e homens foram criados como *vasos (recipientes)* para *conter* o próprio Deus. Naturalmente, esses homens têm esse desejo infinito *por* Deus, de poder recebê-lo, acolhê-lo e assimilá-lo. *Este desejo é a contraparte criada do impulso criativo-perfectivo de Deus.* É uma engrenagem *erótico-mística* que só se pode compreender na contínua e natural (co-)relação que se estabelece já desde a criação entre criado e Incriado.

E essa «*predestinação*» é paradoxalmente garantida pela «*liberdade*» com a qual esses seres também são dotados. É o auge do paradoxo! Sim, porque no homem coexistem o desejo *inato* e *infinito* de Deus e, ao mesmo tempo, a *possibilidade* finita de sua consecução. Ou sua frustração. Não poderia ser de outra forma. O criado deve ser livre para executar o inato e infinito aqui e agora. Em outras palavras, quero dizer que o Infinito preexiste – e coexiste – no finito estruturalmente e é executado por seres lógicos na contingência, que eles transformam livremente e elevam até a eternidade.

*Por outro lado, esse desejo perpétuo, fervoroso e quase insano – a receptividade – é identificado sem mais com aquela **moção holística da alma e da existência humana que tende à mais profunda relação-reciprocidade -supra consciente-, unitiva, criativa, co-criadora, libertadora, redentora, perfeita, purificadora, aperfeiçoadora, teificante e, acima de tudo, livre, que é o amor.***

No amor-desejo se resume a **des-analogia ontológica do Incriado com o criado**. Portanto, o desejo é infinito, assim como o fundo do vaso.

Claro que a vontade que quer extrair o desejo inato de seu natural *Objeto* degenera sua função. Assim nasce o hedonismo como consequência da supressão de Deus por outro objeto finito que nunca pode satisfazer o desejo infinito. Nesta situação, que maior prazer do que si mesmo?

Esta operação é o oposto da natural. Agora, o ente criado quer se converter em Deus; acredita que pode se tornar Deus. Já sabemos a história de Satanás - o *Anti-Cristo*.

As consequências são calculáveis: o desejo é anulado; a receptividade é inabilitada; não há mais «relação»; não há possibilidade de amor; só há medo.

É por isso que os demônios – e com eles os outros Gadarenos – pedem que Cristo se afaste, se vá. Eles temem Cristo. Temem relacionar-se. Eles temem dar-se. Eles temem amar. Temem o amor.

É o inferno que se reduz à solidão, ao isolamento e contemplação da própria individualidade despojada de qualquer possibilidade de retorno.

A única solução é a manada de porcos. E atirar-se precipício abaixo.

Ou como diz o Sinaíta:

«Μακάριος ὁστις τοιοῦτον πρὸς Θεόν ἐκτίσατο ἔρωτα, οἷον μανικός ἐραστής πρὸς τὴν ἑαυτοῦ ἐρωμένην κέκτηται. Ὁ ὄντως ἐρῶν τό τοῦ φιλουμένου πρόσωπον φαντάζεται, καί τοῦτο ἔνδον ἐνηδόνως περιπτύσσεται ὁ τοιοῦτος.»

«*Bem-aventurado aquele que chegou a este eros por Deus que, como um amante fascinado, cuida de sua amada. Aquele que realmente ama contempla interiormente o semblante do amado, e o abraça em seu interior agradavelmente*».

Ιωάννου Σιναΐτου, Κλίμαξ, ΜG 88, 1156C.